

FICHA TÉCNICA

Título original: *Mindhunter – Inside the FBI's Elite Serial Crime Unit*

Autores: *John Douglas e Mark Olshaker*

Copyright © 1995 by Mindhunters, Inc.

Introdução © 2017 by Mindhunters, Inc.

Todos os direitos reservados

Edição portuguesa publicada por acordo com Scribner, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Pedro Elói Duarte*

Revisão: *Ana Salvador/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinhal/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, junho, 2018

Depósito legal n.º 441 682/18

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

Nota dos Autores	13
Vinte Anos Depois	15
<i>Prólogo: Devo Estar no Inferno</i>	29
1. Dentro da Mente de Um Assassino	40
2. O Nome da Minha Mãe Era Holmes	53
3. Apostar em Gotas de Chuva	71
4. Entre Dois Mundos	86
5. Ciência do Comportamento ou Aldrabice?	105
6. Levar o Espetáculo para a Estrada	118
7. O Coração das Trevas	142
8. O Assassino Tem Um Problema de Fala	167
9. Saber Pormo-nos no Lugar dos Outros	188
10. Toda a Gente Tem Uma Pedra	202
11. Atlanta	217
12. Um dos Nossos	243
13. O Jogo Mais Perigoso	256
14. Quem Matou a Americana Perfeita?	277
15. Ofensas aos Que Amamos	299
16. «Deus Quer Que Te Juntas a Shari Faye»	313
17. Qualquer Um Pode Ser Vítima	334
18. A Batalha dos Psiquiatras	354
19. Por Vezes, o Dragão Vence	378

PRÓLOGO

DEVO ESTAR NO INFERNO

Devo estar no inferno.

Era a única explicação lógica. Eu estava atado e nu. A dor era insuportável. Os meus braços e as pernas estavam a ser rasgados por algum tipo de lâmina. Todos os orifícios do meu corpo haviam sido penetrados. Sentia-me a sufocar com algo que me fora enfiado na garganta. Enfiaram-me objetos contundentes no pénis e no reto, e parecia que me estavam a despedaçar. Estava encharcado em suor. Percebi então o que se passava: eu estava a ser torturado por todos os assassinos, violadores e abusadores infantis que apanhei durante a minha carreira. Agora era eu a vítima e não podia defender-me.

Eu sabia como esta gente operava; vi-o muitas vezes. Precisavam de manipular e dominar a vítima. Queriam poder decidir se a vítima deveria viver ou morrer, ou como deveria morrer. Manter-me-iam vivo enquanto o meu corpo aguentasse, reanimando-me quando perdesse os sentidos ou estivesse quase a morrer, infligindo sempre a maior dor e o maior sofrimento possíveis. Alguns podiam continuar a fazer isto durante dias.

Queriam mostrar-me que tinham o controlo total, que eu estava completamente à mercê deles. Quanto mais eu gritasse, quanto mais implorasse por ajuda, mais alimentaria e estimularia as suas fantasias sombrias. Se eu suplicasse pela minha vida, chamasse pela minha mãe ou pelo meu pai, isso dar-lhes-ia verdadeiro prazer.

Era a minha retribuição pelos seis anos que passei a caçar os piores homens da Terra.

O meu coração batia de forma desenfreada. Senti uma dor horrível quando me enfiaram ainda mais o espeto delgado pelo pénis. Todo o meu corpo sacudi em agonia.

Por favor, meu Deus, se eu ainda estiver vivo, deixa-me morrer depressa. E se estiver morto, salva-me depressa das torturas do inferno.

Depois, vi uma luz branca, intensa e brilhante, como aquela que se diz que as pessoas veem no momento da morte. Esperava ver Jesus, anjos ou o Diabo — também ouvira falar disto. Mas tudo o que vi foi aquela luz branca e brilhante.

No entanto, ouvi uma voz — uma voz reconfortante e tranquilizadora, o som mais calmante que alguma vez ouvira.

«John, não se preocupe. Estamos a tentar tratá-lo.»

Foi a última coisa de que me lembro.

«John, está a ouvir-me? Não se preocupe. Calma. Está no hospital. Está em mau estado, mas vamos tratá-lo», foi o que a enfermeira me disse. Ela não sabia se eu a ouvia, mas continuava a repeti-lo, de forma tranquilizadora, uma e outra vez.

Nesse momento, eu não tinha consciência disso, mas estava na Unidade de Cuidados Intensivos do Swedish Hospital, em Seattle, em coma e em suporte artificial de vida. Os meus braços e pernas estavam atados. Cabos e tubos intravenosos penetravam-me o corpo. Não deveria sobreviver. Estávamos em inícios de dezembro de 1983 e eu tinha 38 anos.

A história começa três semanas antes, no outro lado do país. Eu estava em Nova Iorque, a falar sobre a elaboração de perfis de personalidade criminosa diante de uma audiência de cerca de 350 membros da polícia de Nova Iorque, da polícia de trânsito e dos departamentos de polícia de Nassau e do condado de Suffolk, de Long Island. Fizera centenas de vezes aquele discurso e era quase capaz de dizê-lo de olhos fechados.

De repente, o meu cérebro começou a divagar. Tinha a consciência de que continuava a falar, mas senti chegar um suor frio, pensando para mim próprio: *Como é que vou lidar com todos estes casos?* Tinha acabado de encerrar o caso do assassino de crianças Wayne Williams, em Atlanta, e os homicídios raciais «Calibre 22», em Buffalo. Fora chamado para o caso do «Assassino dos Trilhos» em São Francisco. Estava a ajudar a Scotland Yard na investigação do «Estripador de Yorkshire», em Inglaterra. Fazia várias viagens ao Alasca, a trabalhar no caso de Robert Hansen, um padeiro de Anchorage que apanhava

prostitutas, levava-as de avião para a floresta e caçava-as. Estava a tratar do caso de um incendiário em série que atacava sinagogas em Hartford, no Connecticut. E tinha de voar para Seattle na semana seguinte para dar consultoria à Equipa Especial do Rio Green naquelas que se estavam a tornar os maiores crimes em série da história americana, o assassino que matava principalmente prostitutas e transeuntes na zona entre Seattle e Tacoma.

Nos últimos seis anos, eu tinha desenvolvido uma nova abordagem à investigação criminal e era o único membro da Unidade de Ciência do Comportamento que trabalhava nos casos a tempo inteiro. Todos os outros membros eram, sobretudo, instrutores. Lidava em simultâneo com cerca de 150 casos ativos, sem apoio, e passava 125 dias por ano fora do meu gabinete na Academia do FBI, em Quantico, Virgínia. A tensão da polícia local era enorme, que também sofria uma pressão gigantesca para resolver os casos por parte da comunidade e das famílias das vítimas, por quem tive sempre grande empatia. Eu tentava dar prioridade aos casos que tinha em mão, mas todos os dias chegavam mais pedidos. Os meus colegas de Quantico costumavam dizer que eu era como uma puta masculina; não era capaz de dizer não aos meus clientes.

Durante o discurso de Nova Iorque, continuava a falar sobre tipos de personalidade criminosa, mas a minha mente tornava a regressar a Seattle. Sabia que nem toda a gente da força especial me queria lá, o que era habitual. Tal como em todos os casos importantes em que eu fui chamado para fornecer um novo serviço que a maioria dos polícias e dos agentes do FBI ainda considerava próximo da feitiçaria, eu sabia que tinha de «vender» esses serviços. Tinha de ser convincente sem parecer demasiado convencido ou pretensioso. Tinha de lhes mostrar que pensava que haviam feito um trabalho rigoroso e profissional, tentando, ao mesmo tempo, convencer os céticos de que o FBI poderia ajudar. E talvez mais assustador, ao contrário do tradicional agente do FBI que lidava «apenas com os factos», o meu trabalho obrigava-me a lidar com *opiniões*. Eu sabia que, se estivesse errado, poderia comprometer uma investigação e levar à morte de mais pessoas. Além disso, colocaria em causa o novo programa de elaboração de perfis de personalidade criminosa e de investigação criminal que eu me esforçava por implementar.

Depois, havia a própria viagem. Já fora várias vezes ao Alasca, atravessando quatro fusos horários, apanhando um voo turbulento a rasar a água e aterrando no escuro; e logo que chegava e me reunia com a polícia local, voltava para o avião e voava para Seattle.

O rápido ataque de ansiedade deverá ter durado um minuto. Continuava a dizer para mim mesmo: *Ei, Douglas, concentra-te. Controla-te.* E eu era capaz de fazê-lo. Acho que ninguém naquela sala sabia que alguma coisa não estava bem. Mas eu não era capaz de afastar a sensação de que algo trágico me iria acontecer.

Não conseguia afastar este pressentimento e, quando regresssei a Quantico, fui ao departamento de recursos humanos e fiz um novo seguro de vida e de proteção de rendimentos no caso de ficar incapacitado. Não sei dizer exatamente porque fiz isto, salvo por causa daquela sensação vaga mas profunda de medo. Estava fisicamente exausto; andava a mexer-me demasiado e, talvez, a beber mais do que devia para lidar com a pressão. Tinha dificuldade em dormir e, quando adormecia, era muitas vezes acordado pelo telefonema de alguém que precisava da minha ajuda imediata. Quando voltava a dormir, tentava sonhar com o caso, na esperança de que isso me trouxesse alguma luz. Em retrospectiva, é fácil perceber onde isso me levaria, mas, nessa altura, não parecia haver alguma coisa que eu pudesse fazer.

Antes de ir para o aeroporto, algo me fez parar na escola primária onde a minha mulher, a Pam, ensinava leitura a alunos deficientes, para lhe falar do seguro que eu fizera.

— Porque me estás a contar isso? — perguntou ela, muito preocupada.

Sentia uma forte dor no lado direito da cabeça e ela disse que os meus olhos estavam vermelhos e com um aspeto estranho.

— Só queria que soubesses tudo antes de me ir embora — respondi.

Nessa altura, tínhamos duas filhas pequenas. A Erika tinha 8 anos e a Lauren 3.

Para a viagem a Seattle, levei comigo dois novos agentes especiais, Blaine McIlwain e Ron Walker, para os integrar no caso. Chegámos a Seattle nessa noite e alojámo-nos no Hotel Hilton na baixa. Enquanto desfazia as malas, reparei que só tinha um sapato preto. Ou não tinha trazido o outro sapato ou, de alguma maneira, perdera-o na

viagem. Iria fazer uma apresentação ao Departamento da Polícia de King County na manhã seguinte e decidi que não podia ir sem os meus sapatos pretos. Sempre gostei de me vestir bem e, por causa do cansaço e do stresse, tornei-me obcecado em usar sapatos pretos com o meu fato. Assim, fui à rua e andei às voltas até encontrar uma sapataria aberta; regresssei depois ao hotel, ainda mais exausto, com um novo par de sapatos pretos.

Na manhã seguinte, uma quarta-feira, fiz a minha apresentação à polícia e a uma equipa que incluía representantes do Porto de Seattle e dois psicólogos locais que haviam sido chamados para ajudar na investigação. Todos estavam interessados no perfil que fiz do assassino, queriam saber se podia haver mais do que um criminoso e que tipo de indivíduo poderia ser, ou serem. Tentei explicar que, neste tipo de casos, o perfil não seria tão importante. Eu sabia bem que tipo de pessoa seria o assassino, mas também sabia que muitas pessoas corresponderiam facilmente à descrição.

O mais importante nesta série de homicídios em curso, disse-lhes eu, era começar a ser *proativo*, usando os esforços da polícia e a comunicação social para tentar atrair o indivíduo para uma armadilha. Por exemplo, sugeri que a polícia poderia organizar uma série de reuniões da comunidade para «falarem» dos crimes. Eu estava quase certo de que o assassino apareceria numa destas reuniões, ou até em várias. Também pensei que seria útil responder à questão sobre se estávamos a lidar com mais de um criminoso. Outra manobra que eu queria que a polícia experimentasse consistia em anunciar à imprensa que havia testemunhas de um dos raptos. Achei que isto poderia levar o assassino a adotar a sua própria «estratégia proativa» e fazê-lo aparecer para explicar por que razão teria sido inocentemente visto nas proximidades. A maior certeza que eu tinha era que, fosse quem fosse que estivesse por detrás daqueles homicídios, não iria parar.

Em seguida, dei à equipa alguns conselhos sobre como interrogar potenciais suspeitos — tanto os encontrados pela própria investigação como os muitos tristes loucos que inevitavelmente apareceriam num caso de grande importância. Eu, o McIlwain e o Walker passámos o resto do dia a visitar os locais onde os corpos haviam sido deixados e, quando regressámos ao hotel, já de noite, sentia-me esgotado.

Para relaxarmos do dia de trabalho, fomos beber uns copos ao bar do hotel e, pouco depois, disse ao Blaine e ao Ron que não me estava a sentir bem. Continuava com dor de cabeça, pensei que podia estar engripado e pedi-lhes que me substituíssem no trabalho com a polícia no dia seguinte. Achei que poderia sentir-me melhor se passasse o dia na cama; assim, depois de lhes desejar boa noite, pus o sinal «Não Incomodar» na minha porta e disse aos meus dois colegas que estaria com eles na manhã de sexta-feira.

Só me recordo de me sentir terrivelmente mal, sentado à beira da cama e a começar a despir-me. Os meus dois colegas regressaram ao Tribunal de King County na quinta-feira para seguirem as estratégias que eu delineara no dia anterior. Tal como eu lhes pedira, deixaram-me sozinho durante todo o dia para tentar curar a gripe.

No entanto, quando não apareci para o pequeno-almoço de sexta-feira, começaram a ficar preocupados. Telefonaram para o meu quarto. Não houve resposta. Foram ao quarto e bateram à porta. Nada.

Alarmados, foram à receção e pediram uma chave ao gerente. Voltaram a subir as escadas e destrancaram a porta, mas esta tinha uma corrente de segurança. Também ouviram um gemido débil vindo do interior do quarto.

Com um pontapé, abriram a porta e entraram a correr. Deram comigo no chão, naquilo que descreveram como uma posição «de rã», meio vestido, aparentemente a tentar alcançar o telefone. O lado esquerdo do meu corpo estava em convulsão e o Blaine disse que eu estava a «arder».

O hotel telefonou para o Swedish Hospital, que enviou logo uma ambulância. Entretanto, o Blaine e o Ron mantiveram-se em contacto telefónico com o serviço de urgência, transmitindo-lhes os meus sinais vitais. A minha temperatura era de 41,5 °C, a pulsação estava em 220. O meu lado esquerdo estava paralisado e, na ambulância, continuei a sofrer convulsões. O relatório médico descrevia-me com «olhos de boneco» — abertos, fixos e desfocados.

Logo que chegámos ao hospital, cobriram-me de gelo e deram-me doses intravenosas maciças de fenobarbital para tentarem controlar as convulsões. O médico disse ao Blaine e ao Ron que, com aquilo que me estavam a dar, podia praticamente pôr toda a cidade a dormir.

Também disse aos dois agentes que, apesar dos esforços de todos, eu provavelmente iria morrer. Uma TAC mostrou que o lado direito do meu cérebro sofrera uma rutura e uma hemorragia por causa da febre alta.

— Em termos leigos — disse-lhes o médico —, o cérebro dele fritou.

Estávamos em 2 de dezembro de 1983. O meu novo seguro passara a estar ativo no dia anterior.

O chefe da minha unidade, Roger Depue, foi à escola da Pam para lhe transmitir pessoalmente a notícia. Depois, ela e o meu pai, Jack, apanharam um voo para Seattle para virem ter comigo, deixando as miúdas com a minha mãe, Dolores. Dois agentes do gabinete local do FBI em Seattle, Rick Mathers e John Biner, foram buscá-los ao aeroporto e trouxeram-nos diretamente para o hospital. Foi então que tomaram conhecimento da gravidade da minha situação. O médico tentou preparar a Pam para a minha morte e disse-lhe que, mesmo que eu sobrevivesse, era provável que ficasse cego e em estado vegetativo. Sendo católica, chamou um padre para me dar a extrema-unção, mas este, quando soube que eu era presbiteriano, recusou. Então, o Blaine e o Ron correram com ele e arranjam outro sacerdote que não parecia ter estes complexos. Pediram-lhe que viesse rezar por mim.

Fiquei em coma, entre a vida e a morte, durante toda a semana. As regras da Unidade de Cuidados Intensivos só permitiam a visita de familiares; assim, os meus colegas de Quantico, Rick Mathers e outros do gabinete local de Seattle tornaram-se subitamente familiares próximos. «Tem uma grande família», comentou com ironia uma das enfermeiras, dirigindo-se à Pam.

Em certo sentido, a ideia de uma «grande família» não era totalmente descabida. Em Quantico, alguns dos meus colegas, encabeçados por Bill Hagmaier da Unidade de Ciência do Comportamento e Tom Columbell da Academia, fizeram uma coleta para que a Pam e o meu pai pudessem ficar comigo em Seattle. Em pouco tempo, receberam contribuições de agentes da polícia de todo o país. Em simultâneo, fizeram-se preparativos para que o meu corpo fosse trasladado para a Virgínia, a fim de ser sepultado no cemitério militar em Quantico.

Perto do fim da primeira semana, a Pam, o meu pai, os agentes e o sacerdote formaram um círculo em redor da minha cama, deram as mãos, seguraram nas minhas e rezaram por mim. Mais tarde, nessa noite, saí do coma.

Lembro-me de ficar surpreendido por ver a Pam e o meu pai, e por estar confuso sobre onde me encontrava. No início, não era capaz de falar; o lado esquerdo do meu rosto estava descaído e o lado direito continuava bastante paralisado. Quando recuperei a fala, esta começou por ser arrastada. Pouco depois, descobri que era capaz de mover a perna e então, de forma gradual, fui podendo fazer cada vez mais movimentos. A minha garganta estava dorida por causa do tubo de suporte de vida. Para controlar as convulsões, deixaram de me dar fenobarbital e passaram a dar-me fenitoína. Após todos os exames, tomografias e punções lombares, fizeram finalmente um diagnóstico clínico: encefalite viral provocada ou complicada pela pressão e pela minha condição geralmente debilitada e vulnerável. Tinha sorte em estar vivo.

No entanto, a recuperação foi dolorosa e desencorajante. Tive de voltar a aprender a andar. Tinha problemas de memória. Para me ajudar a lembrar do nome do meu médico principal, Siegal, a Pam trouxe-me uma estatueta de uma gaivota feita de conchas e presa numa base de cortiça. Quando o médico veio fazer um exame do meu estado mental e me perguntou se eu me lembrava do seu nome, balbuciei: «Claro, Doutor Gaivota.»¹

Apesar do apoio fantástico que recebia, sentia-me profundamente frustrado com a reabilitação. Nunca fora capaz de estar quieto ou de fazer as coisas com calma. O diretor do FBI, William Webster, telefonou-me a encorajar-me. Disse-lhe que achava que já não seria capaz de disparar.

— Não se preocupe com isso, John — respondeu o diretor.
— Queremo-lo pela sua mente.

Não lhe disse que temia que já nem isso tivesse.

Finalmente, deixei o Swedish Hospital e fui para casa dois dias antes do Natal. Antes de sair, ofereci ao pessoal das urgências e da UCI placas expressando a minha profunda gratidão por tudo o que haviam feito para me salvar a vida.

¹ No original, «Dr. Seagull», que significa gaivota. (NT)

O Roger Depue foi buscar-nos ao Aeroporto de Dulles e levou-nos de carro para a nossa casa em Fredericksburg, onde fui recebido por uma bandeira americana e uma grande tarja a dizer «Bem-vindo a Casa, John». Emagrecera dos meus 88,5 quilos normais para 72,5. As minhas filhas, Erika e Lauren, ficaram tão preocupadas com o meu aspeto e com o facto de estar numa cadeira de rodas que, durante muito tempo, tinham medo sempre que eu saía em viagem.

O Natal foi bastante melancólico. Não vi muitos amigos; apenas Ron Walker, Blaine McIlwain, Bill Hagmaier e outro agente de Quantico, Jim Horn. Eu já não usava a cadeira de rodas, mas continuava a ter dificuldades em mover-me. Era difícil manter uma conversa. Percebi que chorava com facilidade e não podia contar com a minha memória. Quando a Pam ou o meu pai me levavam a passear por Fredericksburg, reparava num qualquer edifício e não sabia se era novo. Sentia-me como vítima de um AVC e perguntava-me se alguma vez poderia voltar a trabalhar.

Também estava zangado com o FBI por aquilo que me obrigaram a fazer. No passado mês de fevereiro, falara com um diretor-adjunto, Jim McKenzie. Disse-lhe que achava que não era capaz de manter o ritmo e pedi-lhe que arranjasse pessoal para me ajudar.

McKenzie manifestou compreensão, mas era realista.

— Conhece esta organização — disse-me ele. — Temos de fazer qualquer coisa até cairmos para que alguém o reconheça.

Eu não só achava que não tinha apoio, como também sentia que não tinha qualquer reconhecimento. Na verdade, muito pelo contrário. No ano anterior, depois de trabalhar arduamente no caso dos «Homicídios Infantis» de Atlanta, fui oficialmente censurado pelo FBI por causa de uma notícia que apareceu num jornal em Newport News, Virgínia, pouco depois da detenção de Wayne Williams. O repórter perguntou-me o que eu pensava de Williams como suspeito e respondi que ele parecia «bom» e que, se evoluísse, seria provavelmente bom para pelo menos vários casos.

Ainda que o FBI me tenha pedido para dar a entrevista, disseram que falei de forma inapropriada sobre um processo pendente. Disseram que eu fora avisado antes de ter dado uma entrevista à revista *People* há alguns meses. Era a típica burocracia do governo. Fui chamado ao Gabinete de Responsabilidade Profissional, na sede

de Washington, e, depois de cinco meses de sapateado burocrático, recebi uma carta de repreensão. Mais tarde, receberia uma carta de louvor pelo caso. Mas, nessa altura, era o reconhecimento do FBI por ter ajudado a resolver aquilo a que a imprensa chamava o «crime do século».

É difícil partilhar com alguém, mesmo com a esposa, muito daquilo que um agente responsável pela aplicação da lei faz. Quando passamos dias a olhar para corpos mortos e mutilados, em particular quando são crianças, não é o tipo de coisa que queremos levar para casa. Não podemos dizer à mesa de jantar: «Hoje tive um homicídio sexual fascinante. Deixa-me contar-te.» É por isso que se vê tantos polícias atraídos por enfermeiras e vice-versa — pessoas que, de certa maneira, compreendem o trabalho uma da outra.

No entanto, muitas vezes, quando estava no parque ou no bosque com as minhas filhas, via qualquer coisa e pensava para mim mesmo: *Isto é tal e qual aquele sítio, onde encontrámos o miúdo de 8 anos.* Por muito que temesse pela segurança delas, vendo as coisas que vi, também tenho dificuldade em envolver-me emocionalmente nos arranhões e feridas menores mas importantes da infância. Quando chegava a casa e a Pam me dizia que uma das miúdas caíra da bicicleta e precisara de levar pontos, a minha mente resvalava para a autópsia de alguma criança da mesma idade e pensava em todos os pontos que o médico-legista teve de fazer para lhe fechar as feridas a fim de ser sepultada.

A Pam tinha o seu próprio grupo de amigos, envolvidos na política local, que não me interessava nada. E com as minhas viagens frequentes, ela acabou por ficar com a parte de leão da responsabilidade de criar as filhas, pagar as contas e gerir a casa. Este era um dos principais problemas do nosso casamento na altura, e eu sei que pelo menos a nossa filha mais velha, a Erika, tinha consciência da tensão.

Eu não era capaz de afastar o meu ressentimento com o FBI por ter deixado que isto me acontecesse. Cerca de um mês depois de ter voltado para casa, estava na rua a queimar folhas no jardim das traseiras. Num impulso, entrei, juntei todas as cópias de perfis que tinha em casa, todos os artigos que escrevera, levei-os lá para fora e atirei tudo ao fogo. O facto de ter atirado tudo aquilo fora foi como uma catarse.

Algumas semanas depois, quando voltei a poder conduzir, fui ao Cemitério de Quantico para ver onde eu teria sido sepultado.

Os túmulos estavam ordenados pela data da morte e, se eu tivesse morrido em 1 ou 2 de dezembro, teria ficado num sítio péssimo. Reparei que era junto ao túmulo de uma rapariga que fora morta à facada em frente da sua casa, perto de onde eu morava. Eu trabalhei no caso dela e o homicídio continuava por resolver. Enquanto ali estava a refletir, lembrei-me das muitas vezes que aconselhei a polícia a vigiar os jazigos, pensando que o assassino poderia visitá-los, e como seria irónico se estivessem a vigiar o local e me considerassem suspeito.

Quatro meses depois do meu colapso em Seattle, continuava de baixa médica. Desenvolvera coágulos de sangue nas pernas e nos pulmões por causa da doença e de ter passado tanto tempo na cama, e continuava a sentir que lutava para sobreviver dia a dia. Ainda não sabia se ficaria fisicamente capaz de voltar a trabalhar e, mesmo que isto acontecesse, não sabia se teria confiança para tal. Entretanto, Roy Hazelwood, da parte de formação da Unidade de Ciência do Comportamento, estava a trabalhar a dobrar e aceitara a responsabilidade de tratar dos meus casos em aberto.

Fiz o primeiro regresso a Quantico em abril de 1984 para dar uma palestra a um grupo de cerca de cinquenta elaboradores de perfis dos gabinetes locais do FBI. Entrei na sala de aulas, calçando ténis porque os meus pés ainda estavam inchados dos coágulos de sangue, e recebi uma ovação de pé daqueles agentes vindos de todo o país. A reação era espontânea e genuína das pessoas que, melhor do que ninguém, compreendiam o que fiz e aquilo que eu estava a tentar implementar no FBI. E pela primeira vez, em muitos meses, senti-me acarinhado e apreciado. Também me senti como se tivesse chegado a casa.

Um mês depois, voltei ao trabalho a tempo inteiro.